

UM CORPO [IN]VISÍVEL

*AN [IN]VISIBLE BODY*

Profa. Dra. Adriana Claudia Martins  
Universidade Federal de Santa Maria  
teacheradrianacm@hotmail.com

Profa. Ma. Suellen Cordovil da Silva  
Universidade Federal de Santa Maria  
sue\_ellen11@yahoo.com.br

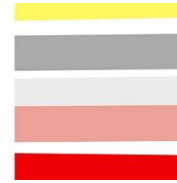
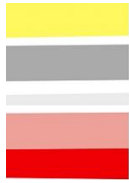
**Resumo:** O conto *Muslim: woman* é analisado em dois momentos, primeiramente quando das lamentações da protagonista acerca de sua vida conjugal, dos desencontros e da cegueira do esposo; e, posteriormente, quando da ocasião do encontro com a mulher muçulmana. A proposta considera, a representação da vida de duas mulheres, corpo e espírito em um tempo e lugar de viagem. Na perspectiva de estudar a produção literária de Felinto - *Muslim: woman* – busca-se suporte teórico, principalmente, em Xavier (2007), para mostrar como o desenho do corpo feminino acontece; em Hermann (2005) e Bakhtin (2010a, 2010b) para traçar a relação da estética do conto com a formação ética do leitor. Com o deslocar-se da protagonista e com o processo de personificação que a narrativa exprime, é possível observar um movimento de [auto]constituição identitária que fica implicado no leitor, sujeito que, provavelmente, também se avalie e se coloque em movimento constitutivo ao ler o conto.

232

**Palavras-chave:** Literatura; Corpo; Estética; Ética; Identidade

**Abstract:** *The text Muslim: woman is analysed in two moments, when the protagonist laments about her married life, the disagreements and the husband's blindness; and, at the protagonist's meeting time with Muslim woman. The proposal considers the representation of two women, body and spirit, in a time and place of traveling. In the perspective of studying Felinto's literary production - Muslim: woman - theoretical support is sought, mainly, in the author Xavier (2007), to show how the drawing of the female body happens; in Hermann (2005) and Bakhtin (2010a, 2010b) to trace the relation of the tale's esthetical to the ethical formation of the reader. With the movement of the protagonist and the process of personification that the narrative expresses, it is possible to observe a movement of [auto]identity constitution that is implied in the reader, subject that probably also evaluates and locate in constitutive movement when he is reading the text.*

**Keywords:** Literature; Body; Esthetic; Ethic; Identity



### 1.Contexto inicial: contemporaneidade, estética e ética

Entre a lágrima e o mais lindo sorriso, a escritora pernambucana Marilene Felinto desenha, na aldeia global, o texto intitulado *Muslim: woman*. No cenário contemporâneo, simbolicamente em um aeroporto internacional e africano, “por onde transitava apressada ou vagarosa gente estrangeira de variada espécie” (FELINTO, 2003, p. 13), há o encontro de duas personagens femininas.

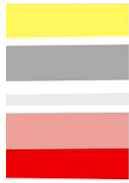
Nesta escritura, a tensão da protagonista entre ser vista, ser reconhecida e se esconder é análoga às diferenças culturais que ficam explicitadas no momento do encontro da mulher ocidental com a muçulmana, dando a tônica ao texto. A cena inicia quando a mulher, protagonista e narradora mostra-se desconfortável no saguão do aeroporto estrangeiro, durante o tempo de espera. Ela é observada a partir de sua saia curta, enquanto lamenta e se queixa do barulho da mala de rodinhas e, neste contexto, problematiza as relações com o marido.

Nesta contextura, Felinto traz-nos a possibilidade de uma leitura crítica da atualidade, provocando-nos a olhar na direção de vidas e corpos particulares a fim de provocar nossa reflexão acerca de identidades. Assim, vivenciamos a oportunidade de com esta narrativa nos colocarmos em movimento estético e ético, pois a “estética associa-se, desde seu surgimento, com a totalidade da vida sensível, de como o mundo atinge nossas sensações” (HERMANN, 2005, p. 25).

Portanto, a estética permite-nos ampliar nosso entendimento para zelarmos por princípios que são éticos. Neste sentido, Hermann explica que, a relação entre ética e estética “não se desenvolve só como uma oposição ou de forma negativa, mas que, sobretudo a partir do conceito de gosto, a estética começa a influenciar a ética, de modo decisivo” (HERMANN, 2005, p. 32).

O ensaio está organizado a partir desta apresentação inicial, seguido de uma discussão com base no conto *Muslim: woman*, em dois momentos, primeiramente quando das lamentações da protagonista acerca de sua vida conjugal, dos desencontros e da cegueira do esposo; e, posteriormente, quando da ocasião do encontro com a muçulmana. Assim, a proposta de Felinto é representar a vida de duas mulheres, corpo e espírito em um tempo e lugar de viagem.

Na perspectiva de estudarmos a produção literária de Felinto - *Muslim: woman* - buscamos suporte teórico, principalmente, na autora Elóide Xavier (2007), para mostrarmos como o desenho do corpo feminino acontece; e em Nadja Hermann (2005) e Mikhail Bakhtin



(2010a, 2010b) para traçarmos a relação da estética do conto com a formação ética do leitor. Outros autores sustentam a discussão, com Spivak (2000, 2003) ainda há a problematização quanto à posição que ocupa a mulher na atualidade e, a partir de Fanon (2008), questões ético-raciais são consideradas. Assim, importa neste estudo o olhar em relação à protagonista, seu deslocamento e a possibilidade de também nos colocarmos neste processo transcendente enquanto leitores.

## 2. Um *ser invisível*

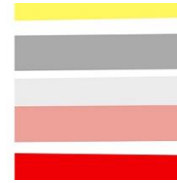
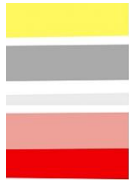
Narrando em primeira pessoa, a protagonista inicia dizendo: “Estava fazendo bolinho da minha vida, a vida da qual eu lhe dedicara quase que com exclusividade vários anos seguidos. Estava fazendo tudo tão ao contrário do que eu esperava que ele fizesse que aquilo ia aos poucos anulando minha existência” (FELINTO, 2003, p. 13). Em oposição a esta invisibilidade, no espaço público, são as rodinhas da mala que marcam a passagem da protagonista. Sua saia curta, pele vermelhada e cabelos com ondas largas, tudo a torná-la, desgostosamente, visível.

234

Com a narrativa, identificamos que a protagonista reclama e se descreve como um ser invisível para o marido. Mas, na estética do texto de Felinto, a questão proposta não está apenas na perspectiva de uma reclamação feminina na relação com o outro (homem), está na própria visão narcísea que a protagonista tem de si mesma, de sua autoimagem refletida no piso brilhante do aeroporto, no questionar-se acerca da própria aceitação de si como mulher e, culturalmente, diferente. A protagonista declara que:

Desde menina eu me criei abrigos, inventei guaritas e trincheiras, longas e detalhadas histórias de proteção, de autodefesa, de cobras que perseguiram macacos que se escondiam estrategicamente dentro de pneus velhos, fechados de todos os lados, com uma única abertura para os olhos e o nariz (FELINTO, 2003, p. 14).

Então, ela fora uma criança que criara a proteção de si mesma e agora, na narrativa, fica à mercê de um lugar público, sem a possibilidade de se reservar e de se proteger. Neste interlugar, entre se revelar e se esconder, ela reclama do marido e explicita seu desamor para com ele, questionando e refletindo a própria decisão de ter se casado com aquele homem, pois este não a escuta e é incapaz de compreendê-la.



[...] por culpa dele, que não me ouvira, que parecia mesmo não ter me visto direito quando planejávamos a viagem. Olhei sinceramente para ele em certo momento com toda a minha boa vontade, procurando me encontrar na cara e na vida dele, onde talvez eu nunca tivesse estado, e me perguntei com calma extrema como é que eu tinha me casado justamente com ele (FELINTO, 2003, p. 13).

A protagonista busca ver-se no marido, todavia não se encontra. Ela, inclusive, fala de sua expectativa frustrada na sua vida amorosa: “o amorzinho cego que ele me oferecia – e que sempre achava que era um amor enorme, maior que ele próprio e o universo e a lua e as estrelas -, o amorzinho que ele me oferecia” (FELINTO, 2003, p. 15). Desde a infância, a protagonista sente-se desconfortável, desgostosa de sua origem mestiça, expõe a angústia entre mostrar o próprio corpo e/ou escondê-lo.

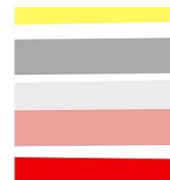
Entretanto, naquele aeroporto e por causa da mala, eu fora atingida por ele na minha reserva, na minha necessidade de discrição e defesa. Na travessia arrastando a mala de rodas, o chão polido refletira minha imagem por inteiro, uma sombra contra a qual eu mesma pisava, um espelho que expunha aos quatro cantos a farsa que eu era (FELINTO, 2003, p. 14).

235

O conto reclama a invisibilidade como uma falta, uma conquista que é necessária, um fato que não está dado, considerando que as mulheres são exigidas e precisam se [re]afirmarem em suas identidades femininas, constantemente diante de uma sociedade patriarcal e machista. A esse respeito, Rita Terezinha Schmidt explica:

[...] os esquemas representacionais do ocidente, disseminados nas práticas culturais e discursivas, foram concebidos a partir da centralidade e visão soberana de um único sujeito, flexionado pela cor, branco, [...] sujeito da representação por excelência. Os significados gerados a partir desses esquemas que interpretam e fixam entidades/identidades, sistema esse que Derrida definiu como falocentrismo, sempre estiveram a serviço do poder institucionalizado da patriarquia[...] (SCHMIDT, 1995, p.37).

Este corpo invisível da protagonista e como ele se coloca na narrativa é o objeto estético a que nos propomos observar. Elódia Xavier, em sua obra *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* escreveu sobre o conto de Felinto, *Muslim: woman*. No texto, Xavier explica que o corpo invisível é um corpo submisso. De acordo com esta autora há características neste



corpo que são de seu apagamento, tanto na corporalidade quanto na expressão de atitudes e posicionamentos. De acordo com Xavier (2007, p. 34)

O corpo invisível da muçulmana representa a cultura repressora, que a mulher ocidental em crise interpreta como proteção e segurança; enquanto a invisibilidade da protagonista significa sua inexistência como sujeito. Ser vista, para ela, é uma forma de autoafirmação, o que seu status de mulher livre e liberada não lhe garante. Portanto, neste conto, o corpo invisível assume duas conotações diferentes, que acabam convergindo para um só significado: a inexistência da mulher como sujeito do próprio destino.

Então, o corpo é o conteúdo informado por Felinto, representado como um objeto estético, uma realidade relacional, um dado factual a que nos propomos entrar em relação axiológica enquanto leitores e na direção de nos projetarmos cientes das contradições e ambiguidades do mundo que vivemos. Conforme explica Bakhtin (2010b), é um conteúdo axiologicamente colocado pelo autor da narrativa; ou seja, o ato artístico passa a ter um complexo jogo de deslocamentos envolvendo os sentidos e significados dados pela situação e relação: o eu e o mundo.

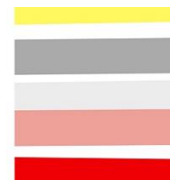
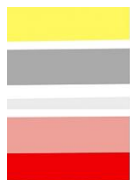
Esta irreduzibilidade do outro é fundamental para a ética, ainda que o mundo perpassasse pela lógica do poder e das noções preestabelecidas. Em *Muslim: woman* há uma desconstrução do que é dado. A crise amorosa está atrelada à [in]visibilidade da mulher, mas, o conflito do casal dá lugar à tomada de consciência do eu da protagonista, deslocamento e alteridade que imbricam na possibilidade dela em se reconhecer na contextura do estranhamento cultural.

236

### 3.O encontro de duas mulheres: o corpo e a descoberta de si

Com o conto *Muslim: woman* a experiência do estético toca-nos, pois além de ser de autoria feminina, há a ênfase às personagens mulheres, que se encontram em território de passagem, em momento de reflexão e deslocamento físico que afetam a identidade móvel. É a mulher muçulmana sentada à frente da protagonista que permite a esta sentir a própria lágrima como condição identitária.

A lágrima dos olhos da protagonista funciona como espelho e, assim, aproxima as duas nas suas diferenças e estabelece um diálogo entre olhares e com uma única palavra: *Madam*. Na tessitura do conto ficam explícitos os conflitos de gênero, o silêncio como cronotopo para a negociação das relações e para a busca do entendimento de valores humanos.



É com este valor do estético que nos desacomodamos e que saímos da realidade e do cotidiano para pensarmos o mundo de modo diferente. Nesta contemporaneidade da narrativa de Felinto, a leitura de seu conto remete-nos às relações entre pessoas de distintas culturas, pela subjetividade, pela experiência e projeção que cada leitor é capaz de fazer a partir das palavras da autora.

Logo, a estética amplia a possibilidade de alteridade em oposição à formatação artificial presente no mundo e mostra a pluralidade de sentidos nas relações, o que implica na existência, tanto da ética como da estética. Neste viés, Hermann (2005, p. 34) sublinha que “a ética sempre envolve um momento de imaginação”. Da estética do texto fica o efeito emocional, a percepção e deslocamento do leitor a partir do mecanismo usado pelo autor.

Nesta contextura, Felinto (2003) cria o cruzamento das personagens na narrativa, possibilitando que no imaginário compartilhemos deste acontecimento. A protagonista narra:

Invejei por um momento aquela indumentária de viúva negra, eu lá no meu luto desabrigado, exposto num salão de aeroporto. [...] Se eu fosse menina, aproximava-me dela e perguntava se ela andava a camelo e comia tâmara. Mas como eu era apenas outra mulher, minha vontade era a de perguntar se ela seria minha confidente, se guardaria por trás daquele manto todos os segredos que eu lhe contasse, e se me diria, também em segredo, como era que ela se despia de noite – se era diante do marido, e se ele a via (FELINTO, 2003, p. 17).

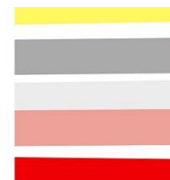
237

Esta perspectiva cautelosa diante da muçulmana vai se transformando na descoberta da protagonista, no sentir-se a si mesma, na sensação da própria lágrima sobre o rosto, uma singular possibilidade de identificação com a outra mulher, muçulmana, estrangeira e marcada pela resignação, então, a possibilidade da alteridade e do encontro.

[...] uma lágrima desprende-se, somente uma, mas volumosa o bastante, grossa, e foi por ela, no décimo de segundo que ela levou para se formar nas profundezas do meu olho, subir à superfície turvada, soltar-se e rolar por meu rosto, foi através da água ondulante desta lágrima que vi a mulher muçulmana sentada à minha frente, um pouco à direita de mim, e que devia estar há tempos me observando (FELINTO, 2003, p. 16).

A protagonista coloca-se em trânsito, entre a instabilidade amorosa e o rompimento de convenções na direção da busca por viver para si como se em um espelho ela buscasse sua imagem verdadeira. Foi a partir da desacomodação e do olhar da muçulmana que a protagonista olhou para ela mesma. Nesta experiência, portanto, é a muçulmana que surpreende a protagonista, com sorriso e gentilezas:

Agradei, voltei praticamente feliz ao meu lugar, pela ousadia que eu tivera, a audácia, e a normalíssima gentileza dela: “madam”, ela me tratara. Feliz com



que tivéssemos uma identidade, aquele código secreto em língua estrangeira, duas mulheres tão diferentes que éramos (FELINTO, 2003, p. 19).

Com este deslocamento necessário, a protagonista abre-se para a diversidade, afasta-se e reconhece a mulher outra, aproxima-se dela e se identifica. Então, o próprio título mostra seu valor neste conto, reflete e refrata a condição do espelho chamado *Muslim: woman*, como um duplo distinto que é capaz de exprimir cumplicidade e solidariedade entre duas mulheres.

Foi depois do encontro com a muçulmana, do reconhecimento de si no espelho de e para com outra mulher, como se “o olho dela estivesse dentro do meu” (FELINTO, 2003, p. 16) que a protagonista inicia a reconciliação com o marido. Ela diz: “quando eu acordasse no meio da noite, uma de minhas pernas estaria entre as dele, no lugar onde eu mais gostava de dormir, no meu abrigo mais valioso” (FELINTO, 2003, p. 19).

Ainda que o conto nos narre este desfecho, cabe-nos marcar que a protagonista ainda deixa-nos saber que ela ainda se mantém em trânsito. Ela acrescenta: “Fomos saindo ele e eu para nosso próximo embarque” (FELINTO, 2003, p. 19). Logo, a protagonista permanece em mudança, em identidade móvel, em [des]encontros. Identidades de gênero que se desorganizam e se reorganizam face ao desafio da alteridade e de movimentos presentes na textura da diversidade cultural.

238

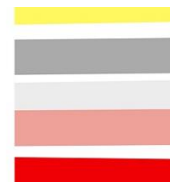
#### 4. Na perspectiva de uma reflexão final

Com *Muslim: woman* identificamos uma mulher ocidental na busca do reconhecimento de si, vivendo um tensionamento entre seu apagamento e o tornar-se perceptível para marido. Assim, a protagonista explicita sua história, coloca-se em movimento em um cronotopo que é de passagem, narra sua própria imagem em face da identificação de diferenças culturais e, ainda encontra uma mulher muçulmana para, assim, se reencontrar.

Neste viés, ficam sentidos do texto em nós, da invisibilidade inicial da protagonista até o momento do encontro. Assim, vamos entendendo o quanto a muçulmana é marcante na vida da protagonista, sem esta outra mulher a protagonista não se deslocaria, não se reconheceria e permaneceria invisível. A partir da leitura de Bakhtin, relações de sentido podem ser imbricadas com o conto, uma vez que só com o outro existimos.

Deste modo, Bakhtin (2010a, p.38) assinala que construímos nossa identidade a partir de nossa relação com o outro, em um processo dialógico, pois apenas este “podemos abraçar,





envolver de todos os lados, apalpar todos os seus limites”. Logo, não poderíamos sentir o abraço sem a interação, precisamos do outro para sentir o que no abraço podemos sentir.

Portanto, no viés do pensamento participativo, saímos do rascunho para escrevermos os sentidos que, da leitura do texto, ficam em nós. Conforme o pensador Bakhtin (2010b, p. 102) explica: experienciar “um objeto significa possuí-lo como unicidade real, mas tal unicidade do objeto e do mundo pressupõe a correlação com a minha própria singularidade”.

Assim, ao nos colocarmos em diálogo com a estética do conto da brasileira Felinto, há elementos como o corpo [in]visível e o espelho dialógico que são lapidados pela autora e sentidos pelo leitor, proporcionando neste o efeito emocional, a identificação, a sensação de prazer e emoção. Esta narrativa é exemplar para apreendermos que

As identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a da mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidade em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de figurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificação em curso (SANTOS, 1999, p. 135).

239

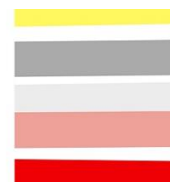
Com o deslocar-se da protagonista e com o processo de personificação que a narrativa exprime, observamos um movimento de [auto]constituição identitária que fica implicado naquele que o conto lê, sujeito que também se avalia em movimento constitutivo e a partir do processo de deslocamento da protagonista. Logo, a possibilidade de dialogarmos no mundo, atualmente e face à globalização, permite-nos, na especificidade dos estudos de gênero, conhecer

novas dimensões do conhecimento quanto às complexidades das identidades e subjetividades nas vidas e nas imaginações de mulheres diversas, em lugares diversos, demonstrando como a raça, etnia, sexualidade, necessidades especiais e a idade exercem papel determinante na vida de qualquer mulher (BHAVNANI; COULSON, 2003, p. 80).

As escritas que abordam essas diferenças e, simultaneamente, esses eixos ou preocupações comuns entre mulheres abalam as fronteiras da alteridade. Na perspectiva de Fanon (2008) é pertinente pensarmos acerca do homem colonizado, em quaisquer das relações culturais.

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais





assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva (FANON, 2008, p. 34).

Assim, no viés do diálogo, as histórias dessas mulheres e de quaisquer outras e suas histórias que possamos considerar, tornam-se caminhos fecundos para a comunicação entre escritoras e leitoras, entre os distintos e vastos textos. Vale ainda sublinhar, conforme corrobora Spivak (2000), que a posição da mulher na atualidade não mais é marcada pelo sujeito racializado, mas uma outra conjectura da contemporaneidade se desenha neste formato social, a mulher se torna um objeto da sociedade global.

Ao leitor cabe a estética da resistência e o movimento inovador que implica em se contrapor, criticamente, um processo de tomada de consciência face às imposições e condições globais da contemporaneidade. Na perspectiva de fechamento do artigo, a crítica feminista Spivak (2003) ainda explica que a alteridade e a condição humana são as possibilidades de nos colocarmos em oposição à construção da artificialidade do planeta.

Portanto, narrativas como *Muslim: woman* da brasileira Marlene Felinto revelam a possibilidade de, por meio da literatura, imergirmos na realidade representada e ficcional para, então, emergirmos refletindo e problematizarmos o papel da mulher no cenário social e contemporâneo, em uma perspectiva que é estética e, por conseguinte, é também ética. 240

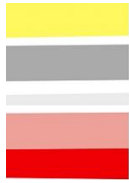
Nesta perspectiva de uma literatura que exclama e propõe reflexão, Cândido (2005, p. 180) esclarece, a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Logo, a literatura, ao representar essas e outras questões, torna-se um meio de divulgação dos conflitos e das tensões que têm marcado o universo cultural desde épocas remotas, convidando o leitor a refletir sobre as práticas sociais humanas.

## Referências

BAKHTIN, M. *A Estética da Criação Verbal*. 5. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes. 2010a.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro; João editores, 2010b.

BHAVNANI, K; COULSON, M. Race. In: EAGLETON, M. *A concise companion to feminist theory*. Malden: Blackwell publishing, 2003. p.73-92.



FELINTO, M. *Muslim: woman*. Site oficial de Literatura. 2003. Pesquisado em 10 de dezembro de 2017. [http://marilenefelinto3.tempsite.ws/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=37](http://marilenefelinto3.tempsite.ws/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=37)

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008.

HERMANN, N. *Ética e estética – uma relação quase esquecida*. 1º ed. Porto alegre. EDIPUCRS, 2005.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHMIDT, R. T. *Quando pensar o feminino não é falar como (uma) mulher*. In: Anais do I Seminário Alagoano Mulher e literatura. Maceió: UFAL/FAPEAL.1995.

SPIVAK, G. C. *Claiming Transformation: Travel Notes with Pictures*. In: AHMED, S. et al. *Transformations: Thinking through Feminism*. London and New York: Routledge, 2000. p. 119-30.

\_\_\_\_\_. *Death of a Discipline*. New York: Columbia UP, 2003.

XAVIER, E. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

**Recebido em: 30 de maio de 2019.**

**Aprovado em: 07 de agosto de 2019.**